

SUPLEMENTO  
HUMORISTICO DE

O SECULO

# O Seculo Comico

Propriedade de J. DA SILVA ORACA, Límli.ª

Dirétor: ACACIO DE PAIVA



Red ção, Administração e Offiinas — Rua do Seculo, 43 — Lisboa

## BIBLIOFAGIA



— Afinal, a verdadeira larva dos livros é esta.



## PALESTRA AMENA

## Recordações

Que a alegria não é função da idade — como se diria matematicamente — é uma verdade, que se não estivesse ha muito averiguada, agora se tornaria evidente, pelos folhetins com que o escritor Alberto Pimentel delicia semanalmente os leitores do *Seculo*, edição da noite, em estilo amenissimo e português gramatical, como já hoje pouco se escreve.

Ora, n'um dos ultimos, o folhetinista envia uma carta aberta a certo amigo, José Aguinaldo, quicá personagem de fantasia e n'ela passa em revista acontecimentos de ha trinta anos, n'um desprendimento em que se adivinham saudades: trata de dôces, para fazer crescer agua na boca aos contemporaneos, e de Sara Bernhardt, para que se saiba que aos setenta e sete anos ainda se pode representar tragedia sem que o publico despreste quem tantos prazeres artisticos lhe proporcionou.

Termina d'este modo o folhetim e as referencias á grande actriz franceza: «Quando Ela voltou a Lisboa e apresentou em S. Carlos — que era o teatro que lhe competia por direito hierarquico — teu sobrinho e outros aspirantes, então alunos da Politecnica, mandaram-lhe, uma noite, entregar no camarim esta quadrinha:

Sara, o teu nome é um mito  
Para quem não tem dinheiro.  
Para nós o *galinho*  
Fica ao pé do infinito.

Ela imediatamente lhes mandou dar entrada.»

Corrijamos, ou antes, completemos a historia.

Não eram aspirantes nem alunos da Politecnica os tres rapazes a quem Alberto Pimentel se refere: eram tres alunos da Escola Medica, dois d'elles hoje medicos de nome e o terceiro o modesto escrevinhador d'estas linhas, os quais encontrando-se de dia abançados a uma mesa do café Suisso, mandaram efectivamente á Sara, ao hotel onde estava hospedada, uma primeira quadra e a ultima a seguinte:

Tres bilhetes, ó Bernhardt,  
Seriam n'esta ocasião  
Como um raio de luar  
No fundo d'uma prisão!

A resposta foi uma carta amabilissima, que o autor das quadras conserva e uma ordem para o camaroteiro de S. Carlos, onde os tres mancebos entraram á noite, cheios de satisfação, por sinal...

... Por sinal que se representou a *Gismonde* e os ditos estudantes só não manifestaram o seu desagrado pela interpretação porque a festa lhes tinha ficado baratissima.

No fundo, bem no fundo, o caracter português a definir-se incipientemente: comer de *borla* e dizer mal...

J. Neutral.

## O pão

A proposito do pão que a moagem nos está proporcionando, colhem durante a semana varias impressões, que nos cumpre transmitir ao leitor.

Em casa do Tavares, ali abaixo, á Praça das Flores, estão todos contentissimos com o novo pão. Ouçamos a esposa do Tavares, para uma amiga:

— Não imagina o dinheiro que tenho poupado desde que ha o pão unico!  
— Sim? Mas como faz isso?

— Nunca mais pudemos comer pão, logo... poupança!

Não menor satisfação é a da D. De-



sideria, com casa de hospedes na rua da Rosa.

— Então, poupa com o novo pão?

— Poupo.

— No pão?

— Não, senhor, no carvão. Gastava até agora um dinheirão em carvão; agora, deito o pão no fogão e aquilo é uma beleza de combustivel!

Quem tambem está que nem pèga sem cauda é o Jacinto Cortez da Costa Silva Gonçalves, a quem encontramos hontem, todo vestido de preto mas n'um estado de jubilo indiscritivel.

— Bravo! você está contente!

— E' com o pão.

— Ah! então dá-se bem com essa mixórdia?

— Perfeitamente: o meu estomago, que é de ferro cá o vai aguentando; mas como o de minha sogra não era lá grande coisa a pobre senhora reventou ao segundo dia!

Em casa das Nunes.

O petiz da casa, com 7 anos de idade, para a criada Geneveva:

— O' Veva! A mamã leu nos jornais que n'algumas padarias teem vendido pão com forma obscena...

— E então?

O pequeno, mostrando um pão comprado n'esse dia:

— Este será dos tais obscenos, Veva?

A rapariga, depois d'um exame rapido:

— Não é, menino...

## Torre de Chifre

## Crianças

Um beijo nas tranças louras  
E' o que desejo dar  
Nas horas encantadoras  
Em que as vejo brincar.

Quanta inocencia teem elas  
Tambem no olhar sereno!  
Como são doces e singelas  
No sorriso deveras ameno!

Não ha nos seus corações  
A mais pequena maldade,  
Ainda não andaram aos baldões  
Da maldita sociedade.

O que dizem é puro,  
O que fazem é impensado,  
Não pensam no futuro  
Nem pensam no passado.

Tambem eu já fui criança  
Tambem eu já fui assim  
No tempo de bonança  
Brincando em meu jardim.

Quem me dera não ter crescido,  
Ser menino eternamente!  
Não teria conhecido  
Este oceano tão ardente!

J. S. Almeirim.

## Mudança de nomes

Aqueles russos nunca estão contentes. Zangados com a terminação de Petersburgo, transformaram o nome da capital em Petrogrado e já falam — descontentes com o Pedro — em o mudarem para Leningrado.

Nada temos com as vidas alheias, mas o que seria conveniente, para quem estuda geografia, é que estas coisas se uniformisassem, resolven-



do-se afinal, que as capitais tivessem sempre denominação derivadas de pessoas ou coisas que melhor lhes conviessem ou as caracterisassem.

Assim, teriamos: Londres transformada em Gaiteirogrado, por ser a terra dos gaiteiros; Madrid em Pandei-ragrado, por ser a das pandeiretas; Haia, em Queijogrado; Stokolmo em Bacalhaugrado; Paris em Apachegradado — Lisboa, emfim, em Bombagrado, por motivos que não veem para aqui.



## Ainda José Casimiro

Como não vissemos que nenhum colega no-so tivesse tido a ideia de entrevistar, sobre o caso José Casimiro, os principais interessados, destacámos um dia d'estes o nosso mais inteligente reporter para as lezírias, e d'um touro obtivemos as declarações que se lêem no seguinte dialogo:

— V. ex.<sup>a</sup>, perguntou o reporter, tem convicções políticas?

O touro:

— Não, senhor. Sou apenas um chefe de familia e o que quero é viver em paz com a vaca, minha esposa.

— D'esse modo, não tem preferencias pelos toureiros, segundo são republicanos ou talassas?

— Eu lhe digo: embirro com os republicanos, porque tenho sido uma vítima do Manuel dos Santos, que é, como se sabe, republicanissimo.

— E com o José Casimiro?

— Verdade, verdade, tambem me não tem poupado.

— Então, a respeito de talassas?

— Tambem me não tenho dado bem com elles. E a é lhe digo mais: a minha familia não deve favores nenhuns ás familias coroadas, porque meu pai varias vezes foi desfeitoado por D. Carlos e já meu bisavô tinha sido vítima de D. Miguel...

— Então?...

— Então, o meu homem é o marquês de Pombal. Esse sim — que condenou



as touradas, desde aquele caso passa do com um parente meu em Salvierra, em que o dito meu parente foi muito censurado por matar um fidalgo, como se o fidalgo não lhe tivesse querido fazer o mesmo a elle!

— Quer dizer, está d'acordo com a prohibição ao José Casimiro.

— Não; o sr. Luiz Galhardo convenceu-me de que elle, por fim de contas, não é peor do que outro qualquer. Não sei quem demonio tem esse sujeito, que ninguém lhe pôde dizer que não!

— O he aquelle caso com a Ameliasinha do Ginasio...

— Pois!

## Uma do Melo

O Melo da Gaitinha é a pessoa mais engraçada de Lisboa e quem sabe mais anedotas. Ai vai uma, contada recentemente por elle.

Certo inglês teve de atravessar a

## EM FOCO

## Viana da Mota



*Eu acredito lá que este senhor  
Tenha nas mãos dez dedos? Não tem tal;  
Dez dedos temos nós—é natural—  
Ele tem uns quarenta, s-m favor!*

*E como os movimenta e sabe pôr  
Nas teclas do piano! E' colossal!  
E os pés? Quando ele os move no pedal  
Nem ligeireza de helice a vapor!*

*Que execução! Disseram-me uma vez  
Que, tendo começado o Lohengrin  
A's oito e dois minutos, tanto fez,*

*Tais prodigios obrou sobre o marfim,  
Que um minuto depois, ás oito e tres,  
Sem uma nota errar, chegou ao fim!*

BELMIRO.

## Milagres

Certos desmancha-prazeres tanto fizeram que foi prohibida uma procissão que foi prohibida uma procissão que no domingo ultimo estava para se realizar de visita ao lugar da Fatima, onde a Virgem Maria se dignou apparecer a uma pastorinha, como se d'ali viesse algum mal ao mundo.

Ora, ninguém nos recomendou o sermão, mas, comparando, hão-de concor-



Na segunda paragem o nosso homem apou-se, procurou o chefe da estação e expoz-lhe o caso:

— Vou sentado n'um banco em compartimento de 1.<sup>a</sup> classe, de costas para a maquina, o que me dá volta ao estomago. Desejo reclamar.

O chefe foi ver o compartimento, o passageiro apontou-lhe o papelinho com o n.º 4 e aquelle, encolhendo tambem os hombros, não deu resposta e foi-se.

Em todas as paragens a scena foi identica, o inglês reclamou com os mesmos resultados, até que chegou ao termo. Ai, decidido a ser energico, entrou no gabinete do fiscal da companhia e expoz, que tendo-lhe sido dada a senha n.º 4, etc.

— Mas, perguntou o fiscal, porque não trocou o lugar com o de qualquer outro passageiro a quem não incomodasse ir sentado contra a maquina?

O inglês:

— Impossivel. No compartimento não ia mais nenhum passageiro.

E' bem de inglês e do Melo!

dar que a Senhora Aparecida, da Fatima, merece muito mais o respeito dos povos e é muito mais decente do que o milagroso Menino Jesus que, tambem recentemente, se poz a obrar prodigios na ilha Terceira, a quem lhe bebesse os liquidos.

A da Fatima soube sempre conter-se.

# Economias



- Bravo, condessa! Vestida de chita!  
 —E a marquezta tambem! Bravo!  
 —Onde vai, minha amiga?  
 —Comprar um colar de perolas que vi hontem n'uma vitrine... E a minha amiga?  
 —Comprar dez metros de renda de Bruxelas...